

MARACATU NAÇÃO, O BRINCANTE E A FORMAÇÃO DE SUJEITOS: implicações para o currículo e saúde mental¹

MARACATU NAÇÃO, THE BRINCANTE, AND THE FORMATION OF SUBJECTS:
implications for curriculum and mental health

Sara Regina Campelo Dias dos Santos ⁱ

David Arenas Carmona ⁱⁱ

RESUMO: A análise do Maracatu Nação, com foco na participação de crianças brincantes, revela seu papel essencial na construção da identidade e na promoção da saúde mental, à luz da pedagogia cultural e decolonial. Com o objetivo de compreender o conceito de ser brincante e suas implicações na formação de sujeitos, a pesquisa adota uma abordagem qualitativa, fundamentada no método etnográfico, com o uso de rodas de conversa e observações em campo. A partir de uma escuta sensível e de uma perspectiva imersa nas práticas culturais do maracatu, os resultados apontam que essa manifestação atua como um espaço pedagógico e terapêutico, favorecendo o fortalecimento da identidade cultural, da autoestima e do bem-estar emocional das crianças. Conclui-se que o Maracatu Nação contribui significativamente para a formação de sujeitos críticos, autônomos e emocionalmente resilientes, além de se configurar como potente recurso para uma educação decolonial.

Palavras-chave: Educação. Pedagogia cultural. Maracatu nação. Crianças brincantes. Pedagogia decolonial.

ABSTRACT: The analysis of Maracatu Nação, with a focus on the participation of playing children, highlights its essential role in the construction of identity and the promotion of mental health through the lens

¹ A presente pesquisa foi realizada com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES)

of cultural and decolonial pedagogy. Aiming to understand the concept of being a brincante (playful subject) and its implications for subject formation, this study adopts a qualitative approach based on ethnographic methods, including conversation circles and field observations. Grounded in lived experiences and a culturally embedded perspective, the findings suggest that maracatu functions as both a pedagogical and therapeutic space, enhancing children's cultural identity, self-esteem, and emotional well-being. It is concluded that Maracatu Nação plays a vital role in the formation of critical, autonomous, and emotionally resilient subjects, while offering a powerful tool for decolonial education.

Keywords: Education. Cultural pedagogy. Maracatu nação. Children brincantes. Decolonial pedagogy.

1 INTRODUÇÃO

Os Maracatus Nação, também conhecidos como Maracatus de Baque Virado, constituem uma manifestação cultural afro-brasileira que articula música, dança, religiosidade e história em práticas comunitárias de forte valor simbólico. Mais do que expressão artística, o maracatu é compreendido como um espaço de ressignificação e afirmação de identidades negras e populares, funcionando como resistência cultural frente aos processos históricos de exclusão e apagamento.

No cerne dessa manifestação está a figura do brincante, que, sobretudo na infância, não apenas participa das práticas culturais, mas age como sujeito ativo na (re)construção de saberes e tradições. O brincar no contexto do maracatu configura-se como uma prática formativa, na qual o corpo, o afeto, a ancestralidade e a coletividade se entrelaçam para gerar experiências potentes de construção subjetiva.

A ludicidade, presente de forma central na experiência do maracatu, extrapola o campo da diversão. Ela emerge como estratégia de fortalecimento da autoestima, da resiliência emocional e da saúde mental, especialmente para crianças inseridas em contextos de vulnerabilidade social.

Essa prática, ao integrar memória, afetividade e pertencimento, torna-se uma ferramenta pedagógica e terapêutica, essencial à formação de sujeitos autônomos, críticos e psiquicamente saudáveis. Dessa forma, entende-se que o Maracatu Nação pode operar como um recurso didático-cultural, integrável ao currículo escolar em uma perspectiva decolonial, rompendo com lógicas eurocentradas e valorizando os saberes ancestrais e populares.

É fundamental, também, que a elaboração dos currículos e materiais de ensino tenha em conta a diversidade de culturas e de memórias coletivas dos vários grupos étnicos que integram nossa sociedade. É obrigação do Estado a proteção das manifestações culturais das culturas populares, indígenas e afro-brasileiras, bem como dos demais

grupos participantes de nosso processo civilizatório. Essa obrigação deve refletir-se também na educação (Cardoso, 2005, p. 9).

Diante disso, a presente investigação busca responder à seguinte pergunta de pesquisa: de que forma a participação de crianças no Maracatu Nação contribui para a formação da identidade, o fortalecimento da autoestima e a promoção da saúde mental, a partir de uma perspectiva pedagógica cultural e decolonial?

O objetivo do artigo é investigar como as vivências de crianças brincantes no Maracatu Nação influenciam a formação da identidade, o desenvolvimento da autoestima e o fortalecimento da saúde mental, analisando as potencialidades dessa prática cultural como instrumento pedagógico decolonial.

A pesquisa parte da percepção de que práticas culturais populares, como o maracatu, oferecem campos formativos alternativos e complementares à escola tradicional, promovendo experiências educativas significativas e afetivamente marcadas. Ao inserir o maracatu no debate sobre currículo, subjetividade e saúde mental, o estudo busca contribuir para a construção de uma educação sensível às realidades e epistemologias das comunidades historicamente marginalizadas.

Como destaca Silva (2015, p. 56), “a questão da Colonialidade sobre o currículo e a avaliação escolar não é meramente a presença ou não de determinadas culturas no currículo, mas as lógicas estruturantes que os organizam e materializam.”

Com essa leitura, abre-se um diálogo entre a pedagogia cultural, a formação de sujeitos e as ações para promoção da saúde mental, destacando a importância do Maracatu Nação não apenas como recurso pedagógico, mas como prática terapêutica e de resistência cultural, com potencial para contribuir com uma educação mais inclusiva, afetiva e conectada às realidades locais.

2 O SER BRINCANTE E A FORMAÇÃO DE SUJEITOS: reflexões sobre o currículo decolonial

O maracatu nação, uma das mais representativas expressões culturais de Pernambuco, é muito mais do que uma mera manifestação artística, antes de qualquer coisa, se faz uma potente ferramenta pedagógica para formação de sujeitos. A persona do brincante no maracatu nação, com sua cotaativa e criativa, simboliza um sujeito em constante marcha de construção e ressignificação. No cenário pernambucano, essa prática tem sido reconhecida como um elemento vital na organização de uma identidade coletiva e na promoção de um currículo decolonial que desafia as estruturas educacionais tradicionais.

Koslinski e Guillen (2019) destacam a complexidade em definir o Maracatu Nação, compreendendo-o como uma expressão performática inserida nas festividades do Carnaval. Trata-se de um cortejo composto por personagens como rei, rainha, príncipes, princesas, membros da nobreza, vassalos e baianas, que desfilam pelas ruas do Recife e Região Metropolitana em um movimento processual. Os autores ressaltam ainda que as apresentações desses grupos não se restringem ao

período carnavalesco, ocorrendo também em ensaios abertos, festas e eventos, com ou sem vínculo religioso.

Ao considerar o brincante como sujeito, deve-se refletir como ele se configura dentro de uma lógica de ensino que não se restringe ao formato tradicional da educação, mas que transcende e ultrapassa os limites da sala de aula. No maracatu nação, o brincante aprende, ensina, comunica-se com a ancestralidade, ao mesmo tempo, reinventa as tradições, corroborando e transmitindo saberes de uma maneira lúdica, coletiva e criativa.

Esse processo de aprendizagem é profundamente ligado a vivências e as trocas de uma cultura que historicamente silenciada pelo colonialismo. Na perspectiva decolonial, o maracatu nação traz consigo um currículo vivo, que se inaugura no corpo, na dança, na música e se edifica na experiência coletiva:

[...] o fato de que sendo ou não os continuadores dos grupos do passado, os maracatus da atualidade trazem as marcas e os feitos de homens e mulheres de outras épocas, estão compartilhando memórias e mostrando a importância do “ontem” para a configuração do amanhã. Carnavais de outras épocas, desfiles do passado, homens e mulheres mortos integram o presente de jovens e crianças, que ouvem histórias diversas sobre os seus maracatus, dando sentidos para práticas e modos de saber e fazer do presente, que necessariamente não são os mesmos de outrora (Iphan, 2019, p. 21-22).

Em Pernambuco, o maracatu nação tem suas raízes fincadas nas comunidades negras e quilombolas, sendo assim, uma das manifestações culturais mais antigas e representativas do estado. O brincante pernambucano, ao embalar no maracatu, não está apenas exercendo uma função de entretenimento ou de preservação de um patrimônio cultural, mas está também participando de um processo de formação de sujeitos críticos, autônomos e conscientes da sua história e sua importância social, trata-se da resistência dos povos subalternizados.

A conscientização implica, pois, que ultrapassemos a esfera espontânea de apreensão da realidade, para chegarmos a uma esfera crítica na qual a realidade se dá como objeto cognoscível e na qual o homem assume uma posição epistemológica (Freire, 2006, p. 30).

Este processo de formação atravessa diversas camadas do sujeito, sendo estas suas dimensões emocionais, culturais, sociais e mentais, tornando-se fundamental para a constituição de uma identidade resiliente frente aos desafios impostos por uma sociedade ainda marcada por preconceitos.

Exemplos de maracatus nação em Pernambuco, são o Maracatu Nação Estrela Brilhante, o Maracatu Nação Pernambuco e o Maracatu Nação Leão Coroado, demonstram de maneira viva como o ser brincante é um agente ativo nesse processo de formação. Esses grupos não se limitam a preservar a tradição, mas também inovam e ressignificam o maracatu na contemporaneidade, criando novas formas de envolvimento e participação da comunidade.

Os brincantes, ao se inserirem nesses grupos, estão em um diferente espaço/tempo que permite um constante diálogo com o passado, trazendo à tona as memórias de seus ancestrais enquanto projetam um futuro de afirmação cultural, resistência e pertencimento identitário.

No âmbito educacional formal, a reflexão sobre o currículo decolonial a partir do maracatu nação remete a questões fundamentais sobre a valorização das culturas afro-brasileiras nas escolas como também nas universidades. Ao se colocar como parte integrante de um currículo decolonial, o maracatu não só rompe com a linearidade e a homogeneidade do currículo tradicional, mas também possibilita uma nova forma de aprender e de ensinar que leva em consideração a multiplicidade de saberes e a riqueza das experiências culturais e históricas das comunidades negras.

A reflexão sobre a prática não resolve tudo, a experiência refletida não resolve tudo. São necessárias estratégias, procedimentos, modos de fazer, além de uma sólida cultura geral, que ajudam a melhor realizar o trabalho e melhorar a capacidade reflexiva sobre o que e como mudar (Libâneo, 2005, p. 76).

O ser brincante, em um currículo formal, seriam os estudantes, assim como as crianças no maracatu, devem ser tratados como sujeitos ativos desse currículo, tornando-se uma parte central na desconstrução de paradigmas eurocêntricos, sedimentados em nossa educação e a partir disso ir de encontro a uma construção de uma educação mais inclusiva, que respeita e celebra as diversas identidades culturais.

2.1 O significado de ser brincante no maracatu e suas aproximações em relação à perspectiva da Pedagogia

No contexto do maracatu, o termo brincante vai muito além da concepção comum de quem apenas participa de uma brincadeira. O brincante entendido como um sujeito ativo, inserido em uma tradição cultural, esta entendida como uma educação não-formal, existindo uma profunda conexão emocional, histórica e social. O sujeito não é apenas um espectador ou um participante passivo, mas um agente de transformação e aprendizagem.

Como dito, o brincante do maracatu nação é alguém que, ao se envolver na prática, ensina e aprende ao mesmo tempo, ampliando por meio da ação coletiva, uma relação íntima com a cultura, a comunidade e consigo mesmo. Na visão da Pedagogia o brincante é a pessoa que brinca, aqui delimita-se a compreender somente na esfera da infância, entendendo assim, a criança como:

Sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura (Brasil, 2010, p. 12).

Kishimoto (2011) considera o brincar uma prioridade fundamental na infância, pois permite que as crianças explorem e testem diferentes ideias e comportamentos de forma criativa e livre. Já Dias Facci (2004, p. 69) aponta que o brincar “é influenciado pelas atividades humanas e pelas relações entre as pessoas”. A ação do brincar, especialmente na infância, envolve fantasia, ludicidade e a representação simbólica da realidade, funcionando como uma forma de mimesis daquilo que, em seu cotidiano, a criança ainda não pode realizar concretamente.

As experiências vividas na primeira infância e o meio em que a criança está inserida exercem forte impacto em seu desenvolvimento cognitivo, físico, social e emocional. É a partir dessas vivências que a criança constrói sua percepção de mundo. Segundo a leitura de Dias Facci (2004), essa construção influencia diretamente os conteúdos das brincadeiras, que não necessariamente precisam de objetos para mediar a dimensão representacional e lúdica da atividade.

Na prática em sala de aula, o brincar e a brincadeira, tem mais predomínio no uso e intencionalidade da parte cognitiva. Momentos destinados ao brincar livre, na falta de letramento pedagógico, podem ser entendidos como espaço para ‘tomar tempo’, quando na verdade está muito longe disso.

Por outro lado, a prática do maracatu e especificamente o papel do brincante, é uma experiência pedagógica imersiva e coletiva, onde o aprendizado ocorre de forma prática, simbólica e vivencial. No maracatu nação, o brincante está imerso no processo de brincar, em que também é um processo de ensino e aprendizagem constante.

Na dança, no toque de instrumentos, no cantar e envolvimento nas coreografias e rituais, o brincante não está apenas executando movimentos ou repetindo canções, mas também vivenciando, produzindo e dando novos sentidos aos saberes de seus antepassados, assim deveria ser entendido também, no brincar vivenciado dentro dos muros da escola, respeitando e trazendo este momento para as crianças, deixando de serem colocadas como apenas receptoras do ensino.

Transmitindo o aprendizado de forma horizontal, dentro de uma comunidade, onde todos compartilham experiências, conhecimentos e habilidades. A troca intergeracional e o aprendizado coletivo são elementos fundamentais dessa pedagogia cultural. Como aponta Freire e Ferreira, “as relações intergeracionais, compõem o tecido de transmissão, reprodução e transformação do mundo social. As gerações são portadoras de histórias de ética e representações peculiares do mundo.” (2021, p.593).

França, Silva e Barreto (2010) destacam que a solidariedade entre diferentes gerações contribui não apenas para desconstruir visões estereotipadas sobre a idade, mas também para melhorar a qualidade de vida de todos os envolvidos. Quando vivenciadas dinâmicas intergeracionais positivas, há um impacto direto na forma como o sujeito se percebe e interpreta o mundo ao seu redor, favorecendo sua capacidade de enfrentar situações de dificuldade, doenças e transtornos como a ansiedade. Esse modelo se contrapõe à lógica da educação tradicional e bancária, que frequentemente desconsidera as culturas locais e as experiências prévias das crianças.

O maracatu nação pode oferecer uma pedagogia decolonial, abordagem que questiona as estruturas de poder e conhecimentos advindos do colonialismo, com o intuito de colocar em voga conhecimentos, saberes e cultura de povos afrodescendentes e indígenas, para a conquista de uma educação inclusiva e crítica, ancorada na desconstrução de paradigmas coloniais, buscando respostas mais justas e múltiplas no sistema educacional e fora dele.

Neste sentido, a Pedagogia Decolonial pode ser entendida como uma educação que não só questiona questões históricas e epistemológicas do olhar do colonizador eurocêntrico, como também ressignifica o âmbito educacional como lugar de resistência a práticas de colonização de pensamentos, do encobrimento do outro, possibilitando uma amplificação de vozes em sua diversidade cultural a se colocarem contra essas lógicas de poder e saber, desafiando assim, os engessamentos sociais.

Com isso, atravessaremos barreiras, no qual as experiências culturais e as práticas populares são valorizadas e reconhecidas como formas autênticas de conhecimento. O brincante no maracatu, nos ensina e convida a não sermos apenas um aprendiz, mas colaboradores na construção de novos saberes.

Essa forma de aprendizagem diferente da pedagogia tradicional, valoriza a aprendizagem por meio da ação, da participação e da experiência compartilhada. O brincar não é apenas um passatempo, mas um processo educativo que envolve o corpo, a mente e o espírito.

Ao se envolver com a música e a dança, o brincante ativa suas emoções, sua memória cultural e seus sentidos de pertencimento. O ato de brincar no maracatu é, portanto, um meio de construção de identidade, história e de fortalecimento dos laços sociais. Trazer essa abordagem pedagógica, mais holística e inclusiva, considera a potencialidade do maracatu nação como um espaço de formação integral, em que corpo, mente, história e comunidade se entrecruzam de maneira única e profunda.

3 A IMPORTÂNCIA DA LUDICIDADE, O BRINCAR E A EXPRESSÃO CULTURAL NA PROMOÇÃO DE SAÚDE MENTAL E BEM-ESTAR

O brincar e da brincadeira no maracatu, o engajamento no processo coletivo de constituição e manifestação, atua muitas vezes, como uma válvula de escape para as tensões seja elas de cunho emocional ou social. A fuga dos tensionamentos, com o trabalho através do corpo, como também nas relações interpessoais que acontecem no espaço, abre um leque muito maior no campo da afetividade, compaixão e acolhimento, acabando por sua vez, funcionando como um mecanismo terapêutico para revigoramento da individualidade e do bem-estar psíquico.

A prática coletiva promove um ambiente onde os laços comunitários criam espaços de apoio mútuo, onde a amorosidade e a comunhão essenciais para a saúde mental e o enfrentamento dos desafios impostos por uma sociedade desigual, Bell Hooks, comprehende a necessidade do amor nestes espaços, apontando que:

Sempre que curamos feridas [...], fortalecemos a comunidade. Fazendo isso, nos engajamos em uma prática amorosa. É o amor que estabelece as bases para construção de uma comunidade com estranhos. O amor que criamos em comunidade permanece conosco aonde quer que vamos. Orientados por esse conhecimento, fazemos de qualquer lugar um local em que podemos regressar ao amor (2020, p. 176).

Os aspectos da ludicidade e expressão cultural, fortalecem estes laços de amor comunitário, tal como ao que tange na esfera individual, desempenhando um papel satisfatório no cuidado da saúde mental e do bem-estar de quaisquer tipos, pois, oferecem alternativas de enfrentamento e superação das dificuldades cotidianas, ao modo que simultaneamente proporcionam espaços de cuidado, pertencimento e autoexpressão.

[...] o lúdico é um instrumento cultural que possibilita a aprendizagem e o desenvolvimento da criança, bem como a formação e apropriação de conceitos. A capacidade de brincar possibilita às crianças um espaço para resolução dos problemas que a rodeiam. (Kishimoto, 2011, p. 48).

Quando tratamos de práticas culturais como o maracatu, o coco, o frevo, ou outras manifestações próprias do Brasil, é possível notar o quanto essas experiências estão entrelaçadas com as emoções e a *psyche* das pessoas, servindo como fonte de resistência e cura.

A ludicidade, enquanto princípio de prazer e liberdade permite que o indivíduo se distancie, mesmo que temporariamente de situações, lembranças, desconfortáveis, criando espaços de descanso para o corpo e a mente. Na psicanálise em Freud (1922), o brincar é compreendido como, um meio de aliviar experiências que recorrem a traumas, criando assim fantasias de necessidades que não foram atendidas e que levou de alguma maneira a reprimi-las. Neste contexto de privação e marginalização, se converte em um escoamento de aflições.

A vivência dessas manifestações culturais contribui para promoção da autoestima, preservação da memória coletiva, autoconhecimento, estabilidade emocional, redução de estigmas sociais além da adaptação, oferecendo uma sensação de propósito e continuidade. A expressão cultural por meio da música, dança e arte possibilita uma via de comunicação não-verbal que favorece a expressão emocional.

Merleau-Ponty (1999) percebe a arte para além de jogo de formas, acreditando ser um aspecto direto da percepção da vida interior dos sujeitos, a partir disso, coadunando com o corpo, a arte se torna também uma forma de comunicação emocional, permitindo assim, que os sentimentos e vivências onde a verbalização não consegue captar todo o espectro emocional, seja traduzido e partilhado entre o artista e o público.

Para os que experienciam o maracatu nação, pode se tornar um ambiente em que seja possível, filtrar sentimentos de dor, raiva, alegria e saudade, desta maneira, permitindo que sejam vividos de modo mais pleno, por intermédio da ritualística e integrada pelo grupo. A expressão, o ritmo, os gestos

e os cantos do maracatu, com o impacto da ludicidade, também pode ser assimilada por meio do olhar das neurociências.

Antunha (2006) desenvolve que o cérebro e atividades de cunho lúdico proporcionam ligações dinâmicas, independentemente se as ações tenham uma repercussão mais simples ou complexa, obedecendo ao sistema nervoso. Tópicos ligados a ação como sensação, percepção, movimento, emoção, linguagem e pensamento, levam a uma agregação da rede neuronal.

Práticas que envolvem movimento, como dança e música, promovem a liberação de substâncias neuroquímicas relacionadas ao prazer. Estudos demonstram que tais atividades auxiliam na redução do cortisol — hormônio relacionado ao estresse — e, quando praticadas com regularidade, favorecem a melhora do humor e a diminuição de sintomas de ansiedade e depressão (Thoma et al., 2013; Kiecolt-Glaser et al., 2010).

O exercício de práticas culturais principalmente no envolvimento de grupos, leva a uma sensação de bem-estar duradoura, intensificando os laços sociais e sensação de pertencimento. Isso demonstra ser um fator importante quando entendemos que um dos principais fatores de adoecimento e risco para saúde mental é a solidão e isolamento.

Na reconquista de narrativas históricas e culturais que foram apagadas ou distorcidas durante o período colonial, ao pensar o lúdico com intencionalidade, no caso específico do maracatu, traz consigo um caráter enriquecedor nos contextos comunitários, em que as danças, brincadeiras, cantos, não ficam apenas no campo efêmero. Passando a ser, um apoio para a saúde mental, no qual a ludicidade permite a liberação emocional e o diálogo com novas experiências, afirmado assim, o direito de cada um, a sua própria história.

Portanto, além dos impactos positivos oferecidos através da prática terapêutica da ludicidade, ela ensina a coletivos e indivíduos uma ética amorosa, “Começar por sempre pensar no amor como uma ação, em vez de um sentimento, é uma forma de fazer com que qualquer um que use a palavra dessa maneira automaticamente assuma responsabilidade e comprometimento.” (Hooks, 2021, p. 55).

O amor aqui deve ser entendido como um ato intencional de comprometimento consigo e com os outros, por meio do cuidado, respeito, afetividade, atos de serviço, reconhecimento e confiança, acarretando com isso, seres humanos capazes de lidar com dificuldades da vida cotidiana de maneira mais ponderada e com bom senso.

4 A PRÁTICA PEDAGÓGICA NO AMBIENTE ESCOLAR: a implementação da ludicidade e do currículo decolonial como estratégias de inclusão a saúde mental

Nos espaços educacionais formais, a inserção de práticas culturais, como maracatu nação, capoeira, frevo, samba, entre outros, possibilita desenvolver de maneira mais lúdicas aprendizagens de forma criativa e pedagógica. Esses saberes não se limitam a faixas etárias, podendo ser estendido em outros ambientes na facilitação de informações, saberes e conhecimento.

No contexto curricular, tratando da questão prática, pode ser implementado rodas de conversa, para incitar conhecimentos prévios dos envolvidos, essa estratégia tem o potencial de ensinar conteúdos curriculares sob outro ponto de vista, para além da leitura padronizado do colonizador, favorecendo múltiplas dimensões de um contexto histórico, no uso das artes ou no panorama geográfico.

[...] o currículo não se reduz a um documento, com a pretensão de tentar registrar todos os processos que envolvem a aprendizagem, mas tornar-se referencial, dinâmico e mutante na medida que os sujeitos envolvidos (professores e alunos) vão, a partir de suas próprias trajetórias e experiências, reconfigurando a própria estrutura curricular, seja na disciplina específica seja na proposta mais abrangente da escola enquanto comunidade formadora. (Silva, 2006, p. 144).

Atividades lúdicas, como brincadeiras folclóricas, danças culturais e jogos realizados em grupos, material didático diversificado, debates sobre a caricaturização de datas importantes como o dia da Consciência Negra, Dia do índio, em que diminuem toda uma gama de saberes, a estereótipos vulgares, também podem ser adicionadas a esse leque de práticas decoloniais.

As metodologias ativas são capazes de servir de apoio para efetivação dessas estratégias que tem o propósito de incentivar os envolvidos a aprender de maneira participativa e com autonomia, fornecendo pautas reais, o que leva a debates, discussões, tomadas de iniciativa e resoluções de problemas.

O educador tem o papel de mediar as situações, seja para com o estudante ou o brincante, os colocando como protagonistas de suas aprendizagens, experiências e ressignificações, transformando-se em agentes de mudanças no território em que estão colocados. Com a interação e colaboração, o exercício do labor pedagógico na inclusão de atividades culturais, dinamiza e potencializa um ambiente emocionalmente saudável.

Quando é reconhecido e valorizado as histórias e saberes de um povo marginalizado, se converte em um mecanismo de aprendizado imenso, de reapropriação e afirmação cultural. “A injustiça global está, de certa forma, ligada a injustiça cognitiva global. A luta pela justiça social global deve, por isso, ser também uma luta pela justiça cognitiva global.” (Santos, 2010, p.17).

Na atualidade, estamos cada vez mais afastados de nossos antepassados e ensinamentos, não valorizando saberes destes, o distanciamento da natureza e de coletivos, e com a aproximação das telas, tendem a contribuir com o adoecimento mental, nas escolas, o maracatu tem o potencial a ser um tema central que irá desencadear vários outros. Como a reaproximação do ensino de práticas sustentáveis, buscando conhecimentos dos povos oriundos que vivem em harmonia com a natureza, em que preservam os recursos dispostos e respeitamos ciclos da natureza.

Aulas sobre medicinas tradicionais, usando plantas, abordando práticas de cura que são e foram utilizadas pelos seus antecedentes, abre discussões com a nossa medicina atual, em que a qualquer indício de dor, fazemos indiscriminadamente uso de fármacos, mobilizando toda uma indústria. Necessário sempre trazer, o encorajamento a expressão dos estudantes, nesta prática é

estimulado a criticidade, abertura, respeito e afetividade para o novo, assim construímos cidadãos conscientes e inclusivos de seus papéis nas mudanças sociais.

[...] a educação esteja - em seu conteúdo, em seus programas e em seus métodos - adaptada ao fim que se persegue: permitir ao homem chegar a ser sujeito, construir-se como pessoa, transformar o mundo, estabelecer com os outros homens relações de reciprocidade, fazer a cultura e a história [...] uma educação que liberte, que não adapte, domestique ou subjugue. (Freire, 2006, p. 45).

No brincar coletivo, seja ele na escola ou no âmbito de educação não-formal, quem está envolvido se insere em um lugar de sociabilidade, onde relações de solidariedade, respeito e reciprocidade são cultivadas. Trocas interpessoais são fundamentais para a saúde mental, pois, um espaço seguro e acolhedor, leva as pessoas a se expressarem livremente, aprendendo a autogerenciar seus sentimentos e compartilhar experiências, passando a ser um lugar de apoio mútuo, com empatia e cooperação.

Os brincantes, com isso, são desafiados a aprender não apenas as habilidades artísticas envolvidas na prática, como também a importância de trabalhar em conjunto, de respeitar o tempo e espaço do outro, cultivando um senso de pertencimento a um coletivo que compartilha de um mesmo dever cultural.

Os estudantes, por sua vez, devem ser impulsionados com o currículo decolonial, com novas perspectivas de ler e traduzir a história, suas identidades culturais, valorizando o lugar do qual vieram e suas experiências, favorecendo uma educação mais autêntica e inclusiva. A brincadeira, o ensino, o cuidado com a saúde mental, se configura como poderosos meios de desenvolvimento integral do sujeito.

5 METODOLOGIA: estudo etnográfico participativo sobre o maracatu nação e saúde mental

A pesquisa apresenta caráter qualitativo, com ênfase em uma perspectiva etnográfica, com o intuito de compreender os sentidos atribuídos pelas crianças brincantes, no contexto de suas experiências vividas no Maracatu Nação, tendo em conta as implicações para formação de sujeitos, seja na identidade cultural ou na saúde mental.

Fundamenta-se na pedagogia cultural e decolonial, no decorrer de todo o processo de levantamento de dados. A abordagem etnográfica escolhida pela necessidade de observar de forma direta o fenômeno em seu ambiente natural, valorizando os conteúdos simbólicos, afetivos e formativos, em que não podem reduzir-se a números. Neste sentido, a etnografia, possibilita o acesso prolongado com o campo, possibilitando a apreensão das práticas, discursos e interações que perfazem o frequente contato com as crianças no maracatu.

O trabalho foi realizado junto a dois grupos de Maracatu Nação, estes localizados na Região Metropolitana do Recife, as observações, entrevistas e rodas de conversa, aconteceram no decorrer de aproximadamente dois meses e meio, entre os meses de abril e junho de 2025, com visitas regulares aos ensaios e atividades dos grupos, por conseguinte, foi respeitado o ritmo e espontaneidade das interações infantis, expressões emocionais e o modo como se relacionam com os elementos da tradição.

As entrevistas conduzidas em formato de rodas de conversa, foram realizadas com crianças de idade entre sete a doze anos, com participação nestes grupos na linha temporal de três meses a um ano. A linguagem utilizada foi acessível, com o objetivo de favorecimento a um ambiente acolhedor e seguro, escolhido quatro crianças de cada grupo de maracatu nação para participarem, totalizando oito crianças.

Quadro 1 - Roteiro de entrevista com as crianças brincantes

| Bloco | Pergunta | Observações |
|--|---|---|
| Bloco 1 – Acolhimento e apresentação | Você pode me dizer seu nome e quantos anos você tem? | Pergunta para apresentação inicial e acolhimento |
| | Há quanto tempo você participa das atividades do seu grupo de maracatu? | Estabelecer tempo de participação |
| Bloco 2 – Sentidos atribuídos à experiência | O que você mais gosta de fazer no Maracatu? | Identificar atividades preferidas |
| | O que você sente quando está ensaiando ou desfilando? | Explorar aspectos emocionais |
| | Você acha que mudou alguma coisa em você depois que começou a participar? Como? | Percepção de mudanças pessoais |
| | Tem alguma lembrança muito legal que você gostaria de contar? | Estimular relatos afetivos e experiências marcantes |
| Bloco 3 – Identidade e pertencimento | Como você se sente quando está com o grupo? | Sentimento de pertencimento e grupo |
| | Você se sente importante quando está no Maracatu? Por quê? | Percepção de valor pessoal e reconhecimento |
| | Como é para você usar a roupa, o instrumento, cantar, dançar? | Relação com os símbolos e práticas culturais |
| | Se o Maracatu fosse uma pessoa, como ele seria? | Pergunta lúdica para compreensão simbólica |
| Bloco 4 – Relações com a vida fora do Maracatu | Você costuma contar para outras pessoas que participa do Maracatu? | Relação entre prática cultural e contexto social |
| | As pessoas da sua escola ou da sua casa sabem que você participa? | Divulgação e reconhecimento social |
| | Você gostaria que mais crianças participassem também? | Percepção de impacto coletivo |
| Encerramento | Tem alguma coisa sobre o Maracatu que você acha muito especial e que a gente ainda não falou? | Espaço para considerações finais |

| | | |
|--|--|-----------------------------------|
| | Você quer me contar mais alguma coisa? | Pergunta aberta para complementar |
|--|--|-----------------------------------|

Fonte: autores (2025).

As conversas tiveram o objetivo de abranger como as crianças se sentem ao participar do maracatu, quais são suas inclinações, aprendizados e considerações acerca do ambiente e como se veem neste processo. As respostas demonstraram vínculos afetivos fortes com a tradição cultural e sua prática, como também sentimentos de alegria, pertencimento, valorização pessoal e superação de inseguranças. Ao exemplo da fala de uma das crianças: “Eu gosto quando eu bato o tambor e todo mundo canta junto. Parece que meu coração fica grande. Quanto tô triste e venho para cá, esqueço de tudo”.

As informações ao longo do percurso foram registradas em um diário de campo, com anotações realizadas após as entrevistas, para que desta maneira o momento da conversa, favorecesse um clima livre de tensões e aberto ao espontaneísmo.

As entrevistas foram realizadas com a autorização dos responsáveis legais dos participantes, mediante a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e do Termo de Assentimento, respeitando os princípios éticos previstos na Resolução CNS nº 510/2016. Todos os dados foram anonimizados para garantir a privacidade e integridade dos sujeitos envolvidos.

Por fim, a análise de dados seguiu os princípios de análise temática do conteúdo, conforme Bardin (1977), permitindo a identificação de categorias como identidade cultural, pertencimento, ludicidade, autoestima e fortalecimento emocional. As interpretações foram construídas à luz de referenciais da pedagogia cultural e da educação decolonial, destacando o Maracatu Nação como uma prática formativa que contribui para a constituição de sujeitos críticos, emocionalmente fortalecidos e enraizados em sua cultura.

6 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise dos dados revelou que a participação das crianças no Maracatu Nação ultrapassa o simples envolvimento em uma atividade artística, configurando-se como um processo formativo que mobiliza dimensões emocionais, culturais e cognitivas. Na categoria de pertencimento (Sentimento de acolhimento e pertencimento ao grupo), foi recorrente a menção ao sentimento de acolhimento e identidade coletiva.

Uma das crianças afirmou: “Quando eu chego no ensaio, parece que todo mundo já me espera. Eu me sinto da família do maracatu”. Essa experiência reforça o papel do grupo como espaço afetivo e de segurança emocional, essencial para o desenvolvimento infantil. Além disso, algumas crianças relataram que, mesmo fora dos ensaios, sentem-se conectadas ao grupo, como se fizessem parte de algo maior. Esse sentimento de integração com a coletividade evidencia a potência da prática cultural como ferramenta de acolhimento e formação de laços afetivos duradouros.

Na categoria de autoestima (Orgulho ao usar vestimentas tradicionais e se apresentar publicamente), o uso das vestes tradicionais, o tocar instrumentos e o dançar diante do público foram destacados como fontes de orgulho. Uma menina de 10 anos disse: “Eu adoro quando a gente coloca a roupa e vai tocar. Eu me sinto bonita e forte, tipo princesa de tambor”.

Outra criança acrescentou: “Quando as pessoas batem palma pra gente, eu fico feliz e acho que tô fazendo bonito”. Esse tipo de relato demonstra como o maracatu pode contribuir para uma imagem positiva de si, fortalecendo a identidade e o pertencimento cultural. A exposição em público e o reconhecimento coletivo funcionam como reforçadores simbólicos da autoconfiança e da autoestima.

Quanto à expressão emocional (Alívio emocional e expressão de sentimentos por meio da prática cultural), surgiram falas como a de um menino de 9 anos: “Quando eu toco, é como se eu tirasse as coisas ruins de dentro de mim”. Outra criança disse: “Eu fico leve, fico feliz, é tipo um jeito de dizer tudo sem falar nada”. Isso evidencia o papel terapêutico da prática, funcionando como canal de liberação emocional e regulação afetiva. O maracatu, nesse sentido, age como mediador de experiências emocionais complexas, oferecendo espaço para expressão e elaboração dos sentimentos por meio do corpo e da arte.

Na categoria de consciência cultural (Valorização da ancestralidade e reconhecimento da importância da tradição), uma criança relatou: “Eu gosto porque é coisa dos antigos, dos nossos antepassados. A gente ajuda a não deixar acabar”. Outro depoimento reforça: “Minha avó dançava, agora eu danço também, não deixei morrer”. Isso revela uma percepção precoce do papel de guardiões da cultura e uma formação crítica emergente, alinhada com os princípios de uma educação decolonial. A transmissão geracional do saber e a noção de continuidade histórica fortalecem o sentido de pertencimento à ancestralidade e contribuem para a resistência cultural.

Dessa forma, os dados analisados indicam que o Maracatu Nação atua como um espaço de aprendizagem integral, no qual se articulam ludicidade, identidade, pertencimento e consciência crítica. Sua prática contribui não apenas para o bem-estar psíquico das crianças, mas também para a construção de uma educação sensível às realidades culturais e sociais do território em que está inserida. Em um contexto de exclusão histórica e silenciamento dos saberes tradicionais, o Maracatu Nação emerge como ferramenta de resistência, de cura e de protagonismo infantil na construção de sujeitos autônomos, criativos e emocionalmente saudáveis.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

“[...] mudar é difícil, mas é possível e urgente.”

(Freire, 1991, p. 7).

Com base nas evidências coletadas ao longo desta investigação etnográfica, é possível afirmar que o Maracatu Nação representa uma importante ferramenta pedagógica e terapêutica para crianças em formação. As categorias emergentes revelaram como essa manifestação cultural afro-brasileira está profundamente conectada ao fortalecimento da identidade, da autoestima, da expressão emocional e da consciência cultural das crianças.

A pesquisa demonstrou que o maracatu vai muito além de um espaço de expressão artística, assumindo um papel vital na formação de sujeitos críticos, resilientes e conscientes de sua ancestralidade. A ludicidade, presente em suas práticas, surge como mediadora entre a cultura e o bem-estar psíquico, tornando-se uma possibilidade concreta de intervenção no campo da saúde mental infantil.

Nesse sentido, é urgente que os espaços educativos formais ou não-formais, reconheçam e integrem práticas culturais como o Maracatu Nação em seus currículos, promovendo uma educação decolonial que valorize os saberes ancestrais e ofereça condições para que crianças historicamente marginalizadas se reconheçam como sujeitos potentes e pertencentes à sua história.

A partir dessa escuta atenta das infâncias brincantes, evidencia-se que o Maracatu Nação possui o potencial de transformar contextos de exclusão em espaços de acolhimento, protagonismo e fortalecimento emocional. Essa contribuição reafirma a relevância de se pensar políticas educativas e culturais integradas, que coloquem a vida, a cultura e a saúde mental das crianças no centro do projeto pedagógico.

REFERÊNCIAS

- ANTUNHA, E. L. G. Brincadeiras infantis, funções cerebrais e alfabetização. In: BOMTEMPO, E.; ANTUNHA, E. L.; OLIVEIRA, V. B. (Orgs). Brincando na escola, no hospital. Rio de Janeiro: WAK, 2006. p. 51-73.
- BARDIN, Laurence. Análise de conteúdo. Trad. Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições 70, 1977.
- CARDOSO, F. H. Prefácio à 2^a impressão. MUNANGA, Kabengele (ed./org.). Superando o racismo na escola. 2. ed. rev. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.
- DIAS FACCI, M. G. A periodização do desenvolvimento psicológico individual na perspectiva de Leontiev, Elkonin e Vygotsky. *Cadernos Cedes*. v. 24, n. 62, p. 64-81, 2004.
- FRANÇA, L. H. F. P.; SILVIA, A. M. T. B.; BARRETO, M. S. L. Programas intergeracionais: quão relevantes elas podem ser para a sociedade?. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, Rio de Janeiro, v.3, n.13, p. 519-531, ago. 2010.
- FREIRE, P. *A Educação na Cidade*. São Paulo: Cortez, 1991.
- FREIRE, P. *Pedagogia da esperança*. 13^a ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.
- Freud, A. *Além do princípio do prazer*. Londres, International Universities Press, 1922.
- HOOKS, B. *Sobre o amor: novas perspectivas*. Trad. Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2021.
- IPHAN. Dossiê Maracatu Nação. Brasília, 2019. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/DOSSIE_MARACATU_NA%C3%87%C3%83O.pdf. Acesso em: 12 jan. 2025.

KIECOLT-GLASER, J. K.; GLASER, R.; MALARKY, M. F.; SHURTLEFF, D.; LASHER, A.; ST. JEAN, M. Dance and mental health: A review of the evidence. *American Journal of Lifestyle Medicine*, v. 4, n. 1, p. 57-63, 2010.

KISHIMOTO, T. M. O jogo e a Educação Infantil: jogo, brinquedo, brincadeira e a educação. 14^a ed. São Paulo: Cortez, 2011.

KOSLINSKI, A. B. Z.; GUILLEN, I. C. M. Maracatus-Nação e a espetacularização do sagrado. *Religião e Sociedade*, v. 39, n. 1, p. 147-169, 2019.

LIBÂNEO, J. C. Didática. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

MERLEAU-PONTY, M. Fenomenologia da percepção. Trad. Sérgio T. R. Alvarenga. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil. Brasília: MEC, SEB, 2010.

SANTOS, B. S.; MENESSES, M. P. Epistemologias do Sul. São Paulo: Cortez, 2010

SILVA, G. F. Cultura(s), currículo, diversidade: por uma proposição intercultural. *Contrapontos*, Itajaí – SC, v. 6, n. 1, p. 137-148, jan./abr. 2006.

SILVA, J. F. Sentidos da avaliação da educação e no ensino e no currículo na educação básica através dos estudos pós-coloniais latino-americanos. *Espaço do Currículo*, v. 8, n. 1, jan./abr. 2015, p. 49-64.

THOMA, M. V.; LÖFFLER, D.; HERRMANN, C. S.; LÖSEL, F. The influence of music on the human stress response. *Psychoneuroendocrinology*, v. 38, n. 3, p. 391-403, 2013.

Recebido em: 1 de fevereiro de 2025.

Aprovado em: 17 de junho de 2025.

DOI: <https://doi.org/10.30681/repos.v16i1.13419>

ⁱ Sara Regina Campelo Dias dos Santos. Graduada em Serviço Social (UNICAP), Pedagogia (UFPE), Bacharelado em Filosofia (UFPE), Especialização em Infância e Educação (FUNDAJ/Difor) e Alfabetização, Letramento e Educação Especial: Perspectivas da Inclusão na Diversidade Cultural (UFMS). Recife, Pernambuco, Brasil.

Curriculum Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4184687535844522>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5789-1797>

E-mail: sararcampelo@gmail.com

ⁱⁱ David Arenas Carmona. Licenciado em Pedagogia, Especialista em Docência para o Ensino Superior. Mestre em Geografia (UFMS), Doutorando em Educação (PPGEDU/UFMS). Professor e Orientador do Programa de Especialização Lato Sensu em Alfabetização, Letramento e Educação Especial: perspectivas na inclusão e na diversidade cultural da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - Campus de Aquidauana (UFMS/CPAQ). Orientador deste artigo.

Curriculum Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4036052313760198>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6737-6235>

E-mail: arenas.carmona@ufms.br